

Negativas Sentenciais Pós-Verbais no Paraná

Rerisson CAVALCANTE*

* Doutor (2012) em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre (2007) em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Adjunto de Linguística pela UFBA. Contato: rerissonvacalvante@gmail.com.

Resumo:

O trabalho descreve as negativas sentenciais pós-verbais no português do estado do Paraná, a partir de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), como parte de um esforço mais amplo para o mapeamento da negação sentencial em dialetos da região Sul do Brasil (e, posteriormente, das regiões Centro-Oeste e Norte) em comparação com o Nordeste e com o português europeu (PE). O trabalho se justifica pelos indícios de que tais negativas têm presença muito mais restrita nos dialetos sulistas, sendo possivelmente variantes muito mais recentes nesses dialetos do que no Nordeste e (partes do) Sudeste do país. Os resultados mostram uma distribuição geográfica assimétrica de [neg VP neg] e de [VP neg] no Paraná, com [VP neg] estando ausente em vários dialetos em que [neg VP neg] já se manifesta. Quanto ao *status* gramatical dessas variantes, os resultados mostram que, apesar da pouca produtividade, elas se aproximam mais das propriedades das negativas pós-verbais no Nordeste do que das do PE, por estarem disponíveis em contextos interrogativos (polares) e completivos em vez de restritas a declarativas matizes.

Palavras-chave:

Negação pós-verbal. Atlas Linguístico do Brasil. Sintaxe dialetal.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 22, n. 3, p. 150-175, dez. 2019

Enviado em: 03/04/2020

Aceito em: 06/05/2020

Negativas Sentenciais Pós-Verbais no Paraná

Rerisson Cavalcante

INTRODUÇÃO

Este trabalho descreve a distribuição e o comportamento sintático das negativas sentenciais pós-verbais (doravante, também pós-VP) nos dialetos paranaenses do português brasileiro (PB) a partir dos dados dos inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre o perfil dialetal e as propriedades linguísticas da negação pós-VP fora do eixo Nordeste-Sudeste, a começar pela Região Sul do país (cf. CAVALCANTE, 2015, atual).¹

No português brasileiro, a negação sentencial pode ser realizada a partir da presença de um marcador negativo *não* em posição pré-verbal, como em (1a), em posição final do sintagma verbal (VP), como em (1c), ou simultaneamente nas duas posições, como em (1b).

- | | | |
|-----|---|-----------------------|
| (1) | a. Eu não/num ² comprei aquele livro. | [neg VP] ³ |
| | b. Eu não/num comprei aquele livro não . | [neg VP neg] |
| | c. Comprei aquele livro não . | [VP neg] |

Trabalhos prévios sobre o fenômeno mostram que as três estruturas não estão em variação estrita no PB. Cavalcante (2007, 2012) mostra que, enquanto [neg V] ocorre em todos os tipos de sentença e de oração (cf. também TEIXEIRA DE SOUSA, 2007; HANSEN, 2009), [neg VP neg] e [VP neg] ocorrem em declarativas (cf. (2a)), imperativas

¹ Como expansão do mesmo projeto, Anna Luisa Rocha Freire e Joás de Jesus Souza estão descrevendo as negativas pós-verbais, respectivamente, em dialetos das regiões Norte e Centro-Oeste do país, mais especificamente dos estados do Pará e Mato Grosso do Sul, também a partir dos dados do ALiB.

² Como amplamente documentado em diversos trabalhos (cf. CAVALCANTE, 2007; TEIXEIRA DE SOUSA, 2007), quando em posição imediatamente pré-verbal, o marcador negativo pode ser pronunciado como *num* ou apenas *n'*. Já na posição pós-verbal ou em contextos não oracionais, essa variação fonética não é possível.

³ Advérbios e quantificadores negativos como *ninguém*, *nada* e *nunca*, quando em posição pré-verbal, dispensam e bloqueiam o marcador negativo pré-verbal em português. Portanto, dados como (i) podem ser considerados como casos de [neg VP], e dados como (ii) podem ser tratados como casos de [neg VP neg].

(i) **Ninguém** viu isso. / **Nada** aconteceu. / Isso **nunca** foi assim.

(ii) **Ninguém** viu isso não. / **Nada** aconteceu **não**. / Isso **nunca** foi assim **não**.

(cf. (2b)) e interrogativas polares (cf. (2c)), mas não ocorrem em interrogativas QU (cf. (3)) nem em sentenças subordinadas adverbiais (cf. 4c)) e relativas (cf. (4d)).

- (2) a. A: Você convidou ele pra festa?
 B: (**Não**) convidei (ele) **não**.
 b. (**Não**) convide ele pra festa **não**!
 c. (Você) (**não**) convidou ele **não**?
- (3) a. *Quem (**não**) convidou ele **não**?
 b. *Quem (você) (**não**) convidou **não**?
 c. *Por que (você) (**não**) convidou ele **não**?

Quanto às subordinadas completivas, [neg VP neg] é perfeitamente aceitável (cf. (4a)), mas [VP neg] é marginal ou inaceitável (cf. (4b)).

- (4) a. Ele disse que **não** conseguiu **não**.
 b. ?Ele disse que conseguiu **não**.
 c. *Se a banda (**não**) tocar **não**, o show vai ser cancelado.
 d. *Ele já foi buscar o livro que Maria (**não**) trouxe não.

Cavalcante (2007, 2012) explica essas propriedades assumindo que o **não** pós-verbal é um elemento de status gramatical diferente do **não/num** pré-verbal, possuindo um traço semântico [+anafórico] e sendo gerado em uma categoria sintática da periferia esquerda da sentença (no sentido da teoria gerativa), com a posição linear após o VP sendo derivada de um movimento de topicalização da sentença para cumprir esse requisito anafórico, enquanto o **não/num** pré-verbal é um elemento negativo neutro, gerado no sistema flexional IP (internamente à sentença), responsável apenas por inverter o valor de verdade da sentença.⁴ Essencialmente, essa proposta equivale a dizer que o **não** final tem as mesmas propriedades de marcadores assertivos pré-sentenciais como **yes/no** do inglês (em oposição a **not**), **si/no** do italiano (em oposição a **non**), **oui/no**

⁴ As representações abaixo mostram as diferenças estruturais entre os dois marcadores. Em (b), pode-se ver o marcador pré-verbal ocorrendo numa posição dentro do sistema flexional IP, enquanto os marcadores pré-sentenciais ocorrem na periferia esquerda da sentença, no núcleo de uma categoria funcional denominada AstP (Assertive Phrase). Em (d), a posição final do marcador negativo é gerada pela topicalização de toda a sentença (possivelmente para cair sob o escopo do marcador pré-sentencial).

a. Sim/é/não, eu (num) vou fazer isso.
 b. [_{AstP} [_{Ast'} **é/sim/não** [_{CP} [_{IP} eu num vou [_{VP} fazer isso]]]]]
 c. Eu num fiz isso não.
 d. [_{AstP} [eu num vou fazer isso]] [_{Ast'} **não** [_{CP} [_{IP} eu num vou fazer isso]]]]

do francês (em oposição a **ne** e **pas**) e **da/ne** do russo (em oposição a **niet**),⁵ que não agem diretamente sobre a sentença em que ocorrem, mas sobre proposições ativadas previamente no contexto discursivo.

Quanto ao português europeu (PE), por muito tempo se considerou que [neg VP neg] e [VP neg] estivessem ausentes nessa variedade, sendo inovações do PB (possivelmente, resultante do contato linguístico na formação do PB), mas Martins (2010, 2012) e Pinto (2010) mostram que ambas as negativas pós-verbais ocorrem no PE, embora com um comportamento distinto do registrado no PB. No PE, [neg VP neg] e [VP neg] só ocorrem em declarativas matrizes, como em (5) e (6), sendo inaceitáveis em imperativas, interrogativas polares, interrogativas QU e em subordinadas de qualquer tipo. Segundo essas autoras, esse comportamento das negativas pós-verbais do PE se deve ao fato de [neg VP neg] ser uma estrutura exclusivamente enfática enquanto [VP neg] teria um valor especificamente metalinguístico, como em (6).

(5) Português europeu

A: O Pedro disse que vendeu o carro.

B: O Pedro **não** disse que vendeu o carro **não**.

B': *O Pedro disse que **não** vendeu o carro **não**.

(MARTINS, 2010, p. 572)

(6) Português europeu

A: A criança comeu a sopa toda.

B: Não comeu a sopa toda, **não**. Deixou metade no prato.

B': Comeu a sopa toda, **não**. Deixou metade no prato.

(PINTO, 2010, p. 50)

Ser metalinguístico significa que a negação não age sobre a veracidade da sentença, mas sobre o que Horn (1983, p. 362 seq.) chama de *assertability*, ou seja, sobre outros aspectos como a adequação de sua forma, sua pronúncia, alguma implicatura disparada etc.⁶ Em outras palavras, na negação metalinguística, a sentença está sendo *citada* e não *usada* de fato, como fica claro no exemplo (7), em que a negação não age sobre a veracidade da primeira sentença (continua sendo verdade que o sujeito está se

⁵ Em algumas línguas, a mesma oposição entre elementos assertivos pré-sentenciais e elementos mediais de polaridade também existe, mas os dois elementos negativos têm a mesma forma. Em espanhol, por exemplo, tanto o item assertivo negativo pré-sentencial quanto o marcador negativo medial têm a forma **no**. O português é um caso intermediário, uma vez que o marcador medial varia entre **não**, **num** e **n-**, enquanto o pré-sentencial tem o **não** como sua forma invariável.

⁶ Nas palavras do autor, “metalinguistic negation focuses, not on the truth or falsity of a proposition, but on the assertability of an utterance”.

encontrando, de fato, com uma mulher), mas sobre a adequação da sentença (no caso, devido à implicatura, intencional ou não intencional, de que a mulher em questão seria uma amante).

(7) A: X is meeting a woman this evening.

B: No, he's not (meeting a woman this evening) – he's meeting his wife!

(HORN, 1989, p. 373)

Independente da explicação teórica para tais diferenças entre as negativas, permanece o fato de que as negativas pós-verbais possuem (pelo menos) dois tipos distintos de comportamento em português: (i) ou são aceitáveis apenas em declarativas matrizes como no PE ou (ii) são aceitáveis em declarativas, interrogativas e interrogativas polares matrizes, mas não em interrogativas QU, e são restritas em subordinadas, com a exceção de [neg VP neg] em completivas. Os rótulos *negação enfática*, *negação metalinguística* e *negação anafórica* serão usados no texto nesse sentido específico, em referência ao comportamento sintático de tais estruturas, independentemente da precisão ou imprecisão da análise teórica oferecida por cada autor.

A pesquisa atual se justifica porque a maior parte dos trabalhos sobre as negativas pós-verbais no Brasil se concentrou na descrição de dialetos do Nordeste e do Sudeste, com pouco foco sobre outras regiões do país.

Para as estruturas [neg VP neg] e [VP neg] foram encontrados, respectivamente: 18% e 5% de dados em Fortaleza (RONCARATI, 1996); 10,8% e 0,6% em Natal (FURTADO DA CUNHA, 1996); 27% e 3% em Belo Horizonte (CAMARGOS, 2000); 21,2% e 1,7% em Mariana (MG) e 31,3% e 4,3% em Pombal (MG) (ALKMIN, 1999). Cavalcante (2007) encontrou 28% e 6% nas comunidades afrodescendentes de Sapé, Rio de Contas e Cinzento, no interior da Bahia; e Rocha (2008), 5,8% e 0,2% na capital de São Paulo. Já Sousa (2004), somando juntas as estruturas [neg VP neg] e [VP neg], encontrou 33% de negação pós-verbal na comunidade de Helvécia, no extremo sul da Bahia.

Considerando apenas trabalhos que lidam com *corpus* do Projeto ALiB (cf. as informações metodológicas sobre o projeto), temos os trabalhos de Araújo (2004); Lopes, Brito e Mota (2019) e Lopes e Pereira (2019), todos sobre o PB falado na Bahia. Com um *corpus* de inquéritos experimentais do ALiB de informantes da cidade de Salvador, Araújo encontrou 40,35% de dados de [neg VP neg] e 5,56% de [VP neg], em um contexto de interação que favorece o uso de tais negativas.

O trabalho de Lopes, Brito e Mota (2019), assim como o de Sousa (2004), não distingue [neg VP neg] e [VP neg], somando os dados das duas negativas. As autoras encontraram 31% de negativas pós-verbais em Irecê (na Mesorregião do Extremo-Norte Baiano), 21,8% em Alagoinhas (Nordeste Baiano), 22% em Barra (Região do Vale do São Francisco) e 12% em Barreiras (Extremo-Oeste Baiano). As autoras

chamam a atenção para o fato de que o percentual dessas negativas aumenta nas regiões mais próximas aos estados do Nordeste (Mesorregiões do Extremo-Norte e Nordeste Baiano) e diminuem nas outras duas regiões.

Já Lopes e Pereira (2019), também seguindo a metodologia do trabalho de Sousa (2004), encontra 16,9% de negativas pós-verbais em Vitória da Conquista (Mesorregião do Centro-Sul Baiano) e 6,6% em Ilhéus (Sul Baiano). Os autores chamam a atenção para a diferença entre tais resultados e os de Lopes, Brito e Mota (2019), apontando que o percentual dessas negativas se reduz com a proximidade geográfica dos dialetos do sudeste.

A Tabela 1, abaixo, apresenta os números dos trabalhos citados.

Tabela 1 – Negativas pós-verbais em trabalhos prévios sobre as Regiões Nordeste e Sudeste

Localidades		[neg VP neg]	[VP neg]
Capitais do Nordeste	Fortaleza	18%	5%
	Natal	10,8%	0,6%
	Salvador	40,35%	5,56%
Interior da Bahia	Helvécia (BA)	33%	
	Sapé / Cinzento / Rio de Contas (BA)	28%	6%
	Irecê (BA)	31%	
	Alagoinhas (BA)	21,8%	
	Barra (BA)	22%	
	Barreiras (BA)	12%	
	Vitória da Conquista (BA)	16,9%	
Sudeste	Ilhéus (BA)	6,6%	
	Belo Horizonte	27%	3%
	Mariana (MG)	21,2%	1,7%
	Pombal (MG)	31,3%	4,3%
	São Paulo	5,8%	0,2%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Esse quadro geral mostra a presença das duas negativas pós-verbais na Região Nordeste e em parte da Região Sudeste, mas já levanta a questão sobre a redução paulatina da produtividade de tais construções à medida que nos afastamos do Nordeste em direção ao Sudeste.

Como dito anteriormente, a maior parte dos trabalhos sobre o fenômeno focou em dialetos do Nordeste e do Sudeste. Apenas mais recentemente alguns trabalhos, como Goldnadel *et al.* (2013), Nunes (2014) e Cavalcante (2015, 2019), têm focado a Região Sul e, com isso, comprovado que a estrutura [VP neg] está ausente em alguns dialetos sulistas e é muito pouco produtiva em outros.

O trabalho de Goldnadel *et al.* (2013), por exemplo, lidando com dados do VARSUL da década de 1980 e início de 1990, não encontra nenhum caso de [VP neg] nas três capitais da região. Quanto a [neg VP neg], os autores encontram 0,6% em Porto Alegre, 2,6% em Curitiba e 4,4% em Florianópolis.

Já Cavalcante (2019), em trabalho preliminar sobre os dados do ALiB entre informantes jovens (18 a 30 anos) de 34 localidades distribuídas pelos três estados do Sul, encontra a negativa dupla [neg VP neg] presente em 28 localidades, mas ainda assim ausente nos dados de seis cidades. Quanto à negativa final [VP neg], a distribuição dialetal é ainda mais restrita. A variante foi encontrada em apenas 10 das 34 localidades investigadas. Por outro lado, foi encontrada em Curitiba, diferindo assim dos dados de Goldnadel *et al.* (2013), situação que pode indicar um processo de expansão dessa variante na Região Sul no período entre o início da década de 1990 e os anos 2005-2010.

Diante desse quadro geral, que envolve tanto evidências de uma menor presença das negativas pós-VP no Sul do país quanto indícios de uma expansão dessas negativas nessa Região, o presente trabalho tem como objetivo verificar as seguintes questões:

- A) Qual é a distribuição geográfica do **não** pós-verbal no Sul do Brasil? Em que localidades ocorrem [neg VP neg] e [VP neg]? Mais especificamente, em que ponto do território a estrutura [VP neg] começa a surgir?
- B) Que valores semânticos ou pragmáticos as negativas [neg VP neg] e [VP neg] exercem nos locais em que ocorrem no Sul? São enfáticas, metalinguísticas ou anafóricas?
- C) Qual é a distribuição das negativas pós-verbais no Sul por tipo sentencial? Elas ocorrem em interrogativas e imperativas ou apenas em declarativas?
- D) Qual é o padrão sintático das negativas pós-verbais do Sul do Brasil? Seguem o mesmo padrão do Nordeste (e de parte do Sudeste), o padrão do PE ou um terceiro padrão, a ser identificado?

O artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, apresento a metodologia do Projeto ALiB e da presente pesquisa; a seguir, apresento os resultados sobre a distribuição geográfica das negativas; na sequência, os resultados da distribuição sintática e discursiva. Por fim, concluo o trabalho.

METODOLOGIA

O Projeto ALiB tem o objetivo de fazer uma descrição geolinguística do português falado no Brasil.⁷ Para tanto, os *Questionários* do projeto foram aplicados através de

⁷ Para mais informações sobre o Projeto ALiB, consultar a página do Projeto: www.alib.ufba.br.

inquéritos linguísticos presenciais em 250 localidades, distribuídas por todos os estados do país, sendo 25 capitais⁸ e 225 não capitais. O total de informantes é de 1.110, distribuídos conforme os critérios a seguir.

Nas não capitais, foram entrevistados quatro informantes por localidade, distribuídos por ambos os sexos e por duas faixas etárias (entre 18 e 30 anos; e entre 50 e 65 anos). Todos os informantes possuem, no máximo, o Ensino Fundamental. Já nas capitais, foram acrescentados, ainda, mais quatro informantes de nível superior, igualmente distribuídos por ambos os sexos e por duas faixas etárias.

Para facilitar a referência aos inquéritos, cada localidade recebe um número que vai de 001 a 250. Semelhantemente, cada perfil de informante recebe um número de 1 a 4, conforme o seguinte esquema: números ímpares são homens, pares são mulheres; 1 e 2 correspondem à faixa etária mais jovem, enquanto 3 e 4 correspondem à faixa mais velha, sempre do nível fundamental. Nas capitais, a numeração 5 a 8 repete o padrão para os universitários.

Quando da delimitação da rede de pontos do ALiB, em 2000, o estado do Paraná, foco do presente trabalho, possuía 399 municípios e estava dividido em dez mesorregiões segundo o IBGE. Para o *corpus* do ALiB, foram selecionadas 17 localidades espalhadas pelo território do estado. No Quadro 1, a seguir, podemos ver a lista de mesorregiões, as localidades do ALiB que fazem parte de cada Mesorregião e a numeração que a localidade recebe na identificação do projeto.

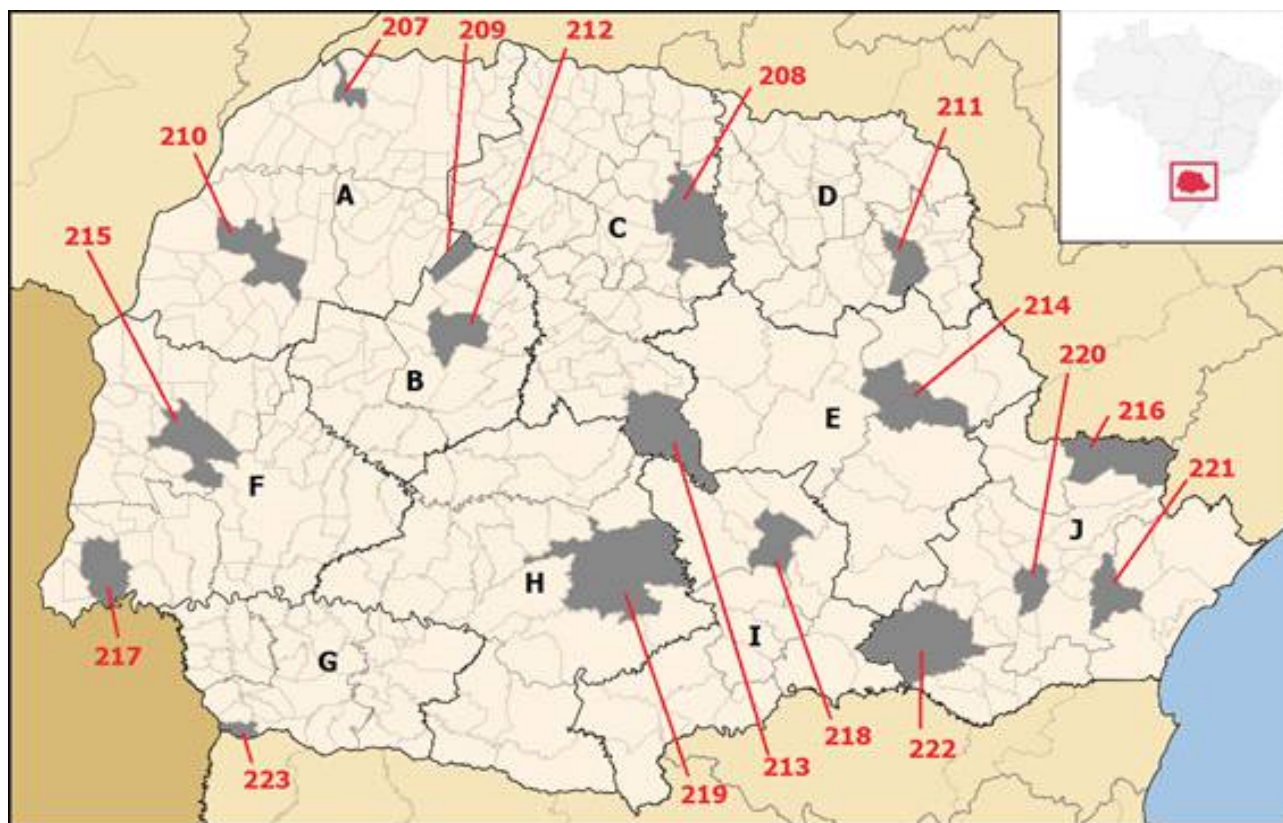
Quadro 1 – Mesorregiões do Paraná e pontos do ALiB

Mesorregiões	Localidades na rede de pontos do ALiB
A) Noroeste Paranaense	Nova Londrina (207), Umuarama (210)
B) Centro Ocidental Paranaense	Terra Boa (209), Campo Mourão (212)
C) Norte Central Paranaense	Londrina (208), Cândido de Abreu (213)
D) Norte Pioneiro Paranaense	Tomazina (211)
E) Centro Oriental Paranaense	Piraí do Sul (214)
F) Oeste Paranaense	Toledo (215), São Miguel do Iguçu (217)
G) Sudoeste Paranaense	Barracão (223)
H) Centro-Sul Paranaense	Guarapuava (219)
I) Sudeste Paranaense	Imbituva (218)
J) Metropolitana de Curitiba	Adrianópolis (216), Curitiba (220), Morretes (221), Lapa (222)

Fonte: Elaborado pelo autor.

⁸ Brasília e Palmas ficaram de fora por serem de fundação e povoação recentes.

No mapa da Figura 1, o leitor pode conferir a divisão administrativa do Paraná em mesorregiões (identificadas por letras correspondentes às usadas no Quadro 1) e municípios, dentre os quais estão destacados os 17 municípios que fazem parte da rede de pontos do ALiB.



Fonte: Adaptado a partir de mapa de Raphael Lorenzeto de Abreu, disponibilizado na Wikipedia com autorização para uso e adaptação.⁹

Figura 1 – Municípios, mesorregiões do Paraná e pontos do ALiB

Para este trabalho, foram levantados dados a partir de 70 inquéritos do total de 72 realizados no Paraná.¹⁰

Os leitores familiarizados com os *Questionários* do ALiB (cf. COMITÉ..., 2001) devem saber que estes contam com três questões voltadas para captar respostas negativas por parte dos informantes, as perguntas de número 47, 48 e 49 do *Questionário Morfossintático*: 47 – “Você / o(a) senhor(a) sabe se existe vida em outro planeta / na lua?”; 48 –

⁹ O mapa original está disponível em: <http://bit.ly/2R9QCLfMpPR>.

¹⁰ As exceções foram os inquéritos 216/4 (mulher, faixa 2, Adrianópolis) e 217/3 (homem, faixa 2, São Miguel do Iguaçu), que não estavam disponíveis nos arquivos da Universidade Federal da Bahia, onde fica armazenado o acervo principal do ALiB de todo o país.

“*Você / o(a) senhor(a) já viu disco voador, não é?*”; 49 – “*Você / o(a) senhor(a) já viajou de avião? Tem medo de viajar de avião?*”. Infelizmente, como já apontado em Cavalcante (2019), essas perguntas muitas vezes falham em obter respostas de natureza sentencial (fragmentos de resposta sem o verbo são comuns) ou em obter respostas efetivamente negativas (muitas vezes, a resposta é afirmativa) ou em obter a variedade de alternativas realmente disponíveis no dialeto dos informantes.

Para dar conta dessa deficiência, o levantamento de dados para essa pesquisa foi feito a partir da audição de todo o conteúdo das entrevistas (cuja duração costuma variar de duas horas e meia a três horas e meia, podendo chegar a quatro horas, a depender de cada informante). Foram ouvidos, portanto, na íntegra, 70 inquéritos do ALiB no estado do Paraná.¹¹

O primeiro objetivo da pesquisa foi identificar a distribuição geográfica das negativas pós-verbais [neg VP **neg**] e [VP **neg**]. Pouca atenção foi dada à forma [neg VP], justamente por ser a estrutura presente em todos os dialetos e em todas as estruturas sintáticas do PB.

Esse objetivo parte de pressuposto de que [VP **neg**] ocorre significativamente em dialetos do Nordeste e (em parte) do Sudeste do país, mas tem comportamento mais restrito na Região Sul, ao ponto de estar ausente (ou, ao menos, ser percebida como ausente por diversos falantes) em vários dialetos sulistas, especialmente do Rio Grande do Sul, como exposto em nossa Introdução. Diante disso, a pesquisa quer identificar em que parte do território [VP **neg**] surge; e, nos dialetos em que essa estrutura ocorre, se ela possui as mesmas propriedades que em outros dialetos do português.

Já a estrutura [neg VP **neg**] entra nessa investigação por ter uma forte relação com [VP **neg**]. As duas estruturas compartilham propriedades sintáticas em oposição a [neg VP]. Além disso, por hipótese, assumida por diversos autores (cf. RONCARATI, 1996), a estrutura [VP **neg**] se desenvolveu a partir de [neg VP **neg**], correspondendo cada uma delas a estágios diferentes de um mesmo processo de gramaticalização. Assim, assumimos a hipótese de que a presença ou ausência de [VP **neg**] em determinado dialeto pode estar acompanhada de diferentes propriedades sintáticas e pragmáticas associadas a [neg VP **neg**]. Dito de outro modo, mudanças linguísticas nas funções e comportamento sintático e discursivo de [neg VP **neg**] podem preceder ou serem simultâneas ao surgimento de [VP **neg**].

A hipótese subjacente a esse trabalho é que, dentro da Região Sul, as negativas pós-verbais se tornam mais frequentes e produtivas à medida que o dialeto se aproxima da Região Sudeste e menos frequentes e menos produtivas à medida que se aproxima da fronteira sul do país (como parte de um grande contínuo Nordeste-Sul). Ou seja, são

¹¹ Desse total de inquéritos, quatro foram ouvidos por Hanna Santos.

menos produtivas no Rio Grande do Sul e em partes de Santa Catarina e mais produtivas em partes do Paraná. Para se verificar essa hipótese, o presente trabalho é apenas o primeiro passo, a ser continuado com a descrição do comportamento dos outros dois estados sulistas.

O segundo objetivo foi identificar propriedades sintático-semânticas dessas negativas. Mais especificamente, verificar se elas ocorrem em todos os tipos sentenciais (em declarativas, imperativas, interrogativas polares e interrogativas QU) e em todos os tipos oracionais (matrizes, subordinadas completivas, adverbiais e relativas).

O terceiro objetivo foi identificar o *status* pragmático das negativas pós-verbais com relação a serem enfáticas ou metalinguísticas (no sentido de MARTINS, 2010) ou anafóricas (no sentido de CAVALCANTE, 2012 [cf. Introdução]).

O cumprimento desses objetivos esbarrou em algumas dificuldades intrínsecas ao formato dos inquéritos geolinguísticos como os do ALiB, a saber: o formato de perguntas e respostas, com pouco discurso livre entre os participantes, não favorece o uso de sentenças (afirmativas ou negativas) imperativas, interrogativas por parte do informante. Esse quadro geral precisa ser levado em conta na interpretação dos resultados.

Na próxima seção, apresento os resultados quanto à distribuição geolinguística das variantes sintáticas em estudo. Apresento também, mais adiante, os resultados quanto à distribuição linguística.

RESULTADOS: A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS NEGATIVAS

Nessa seção, descrevo a distribuição das negativas pós-verbais do Paraná, a começar pela distribuição geográfica de [neg VP neg].

Distribuição Geolinguística de [neg VP neg]

Nos inquéritos do ALiB do Paraná, foram encontrados 592 dados da negativa dupla [neg VP neg], distribuídos pelos inquéritos conforme informações na Quadro 2. A primeira leitura do Quadro, conforme os objetivos da presente pesquisa, deve ser quanto ao contraste entre presença e ausência da variante nas localidades e nos informantes.

Quadro 2 – Distribuição da negação [neg VP neg] no Paraná

Localidade	[Neg VP neg] nos inquéritos				
	Inf 1	Inf 2	Inf 3	Inf 4	Total
207 – Nova Londrina	8	25	7	15	55
208 – Londrina	0	10	5	73	88
209 – Terra Boa	0	6	16	65	87
210 – Umuarama	86	8	17	16	127
211 – Tomazina	0	1	0	7	8
212 – Campo Mourão	21	11	18	21	71
213 – Cândido de Abreu	1	2	6	0	9
214 – Piraí do Sul	7	1	8	5	21
215 – Toledo	9	3	28	5	45
216 – Adrianópolis	1	0	4	SD ¹²	5
217 – São Miguel do Iguaçu	2	1	SD	1	4
218 – Imbituva	1	0	1	1	3
219 – Guarapuava	2	1	0	4	7
220 – Curitiba (fundamental)	6	2	6	4	25
220 – Curitiba (universitários) ¹³	3	0	2	2	
221 – Morretes	0	2	12	3	17
222 – Lapa	6	1	5	0	12
223 – Barracão	0	1	7	0	8
TOTAL	153	75	142	222	592

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como se pode ver, essa negativa está presente em todas as localidades paranaenses que fazem parte da rede de pontos do ALiB, assim como ocorre com a negativa **pré-verbal** [neg VP]. Veremos, mais adiante, que a situação é diferente para a negativa **final** [VP neg].

Porém, em 11 das 17 localidades do Paraná, [neg VP neg] está ausente em pelo menos um dos informantes, a saber: Londrina, Terra Boa, Tomazina, Cândido de Abreu, Adrianópolis, Imbituva, Guarapuava, Curitiba, Morretes, Lapa, Barracão. Nesta última localidade e em Tomazina, a variante está ausente em dois informantes. E mesmo dentre os informantes que utilizam a variante, em 12 deles há apenas uma única ocorrência.

Em Londrina, Terra Boa e Umuarama estão os informantes que utilizam essa negativa em quantidade mais abundante: 73, 65 e 86 dados, respectivamente.

¹² SD = “sem dados”. Trata-se dos casos dos dois inquéritos que não estavam disponíveis para estudo.

¹³ Para facilitar a formatação do Quadro, colocamos as informações sobre os informantes universitários de Curitiba como uma linha adicional. O leitor deve estar atento, entretanto, que a numeração oficial dos universitários de Curitiba vai de 5 a 8, como descrito na Metodologia.

Especificamente quanto a Curitiba, única localidade para a qual há oito inquéritos, a negativa [neg VP neg] está presente em quase todos os informantes: presente em todos os de nível fundamental e ausente em apenas um dos informantes de nível superior.

Qual é a importância dessa informação sobre a ausência de [neg VP neg] em informantes específicos? Isso mostra que, apesar de presente no estado, a produtividade dessa estrutura ainda difere da produtividade da negação pré-verbal [neg VP], que aparece não apenas em todas as localidades, mas em cada um dos 70 inquéritos do *corpus*, sem exceção.

A informação é ainda mais importante se considerarmos que estudos sociolinguísticos e dialetais anteriores sobre as negativas (cf. SOUSA, 2004; CAVALCANTE, 2007) já mostravam que o contexto de respostas é um dos principais favorecedores da ocorrência das negativas pós-verbais. Uma vez que esse é o contexto mais recorrente de fala dos informantes nesses inquéritos, a ausência de [neg VP neg] não é algo esperado.

Para o prosseguimento dessa pesquisa, com a análise dos dados dos demais estados da Região Sul, o esperado é que essa distribuição de [neg VP neg] por localidade e por informantes seja ainda mais restrita.

Na próxima subseção mostro que a situação é ainda mais marcada para a negativa [VP neg].

E na seção seguinte, retorno a [neg VP neg], para tratar da distribuição sintática da estrutura.

Distribuição Geolinguística de [VP neg]

A quantidade de [VP neg] no *corpus* foi consideravelmente menor do que a de [neg VP neg]: apenas 27 dados contra 592. Considerando apenas as duas variantes, já que [neg VP] não foi quantificada, isso equivaleria a 4,36% da negativa final contra 95,63% da negativa dupla. Isso era parcialmente esperado, uma vez que estudos anteriores já mostravam que a negativa final é a variante menos usada em todos os dialetos em que ocorre. Ainda assim, tendo em vista que o perfil da entrevista favorece respostas curtas diretas (inclusive, o uso da quase lexia “*sei não*”), era esperado, por hipótese, que a disparidade entre [neg VP neg] e [VP neg] não fosse tão grande assim.

O Quadro 2 mostra que a distribuição geográfica de [VP neg] no *corpus* (por localidade e por informante) do Paraná também é consideravelmente mais reduzida do que a de [neg VP neg]. A negativa final está presente em apenas 8 das 17 localidades – Londrina, Nova Londrina, Umuarama, Campo Mourão, Toledo, Guarapuava, Curitiba e Morretes –, enquanto a outra variante está presente em todas as localidades.

Quadro 3 – Distribuição da negação [VP neg] no Paraná

Localidade	[VP neg] nos inquiridos				
	Inf 1	Inf 2	Inf 3	Inf 4	Total
207 – Nova Londrina	1	1	0	2	4
208 – Londrina	0	0	2	4	6
209 – Terra Boa	0	0	0	0	0
210 – Umuarama	4	0	0	0	4
211 – Tomazina	0	0	0	0	0
212 – Campo Mourão	3	0	0	1	4
213 – Cândido de Abreu	0	0	0	0	0
214 – Pirai do Sul	0	0	0	0	0
215 – Toledo	2	0	0	0	2
216 – Adrianópolis	0	0	0	SD	0
217 – São Miguel do Iguçu	0	0	SD	0	0
218 – Imbituva	0	0	0	0	0
219 – Guarapuava	0	1	1	1	3
220 – Curitiba (nível fundamental)	1	0	0	0	1
220 – Curitiba (universitários)	1	0	0	0	1
221 – Morretes	0	0	1	0	1
222 – Lapa	0	0	0	0	0
223 – Barracão	0	0	0	0	0
Total					27

Fonte: Elaborada pelo autor.

Além disso, o Quadro 3 também mostra que em nenhuma das localidades [VP neg] está presente em todos os informantes. Apenas em duas localidades – Nova Londrina e Guarapuava – essa estrutura ocorre em três dos quatro informantes. Em outras duas localidades – Londrina e Campo Mourão –, [VP neg] está presente em dois informantes. Nos outros casos (exceto Curitiba), [VP neg] está presente em apenas um informante. Ao todo, apenas 15 dos 70 informantes do *corpus* exibem [VP neg], em suas falas, o que equivale a apenas 21,4% do universo pesquisado. Para [neg VP neg], o resultado era bem diferente: 57 dos 70 informantes exibiam a estrutura, 82,8% deles.

Dos 15 informantes com [VP neg], 8 utilizam a forma uma única vez. Dos 57 informantes com [neg VP neg], 12 utilizaram a negativa dupla uma única vez.

Chama a atenção o caso Curitiba, que, por ser a capital, é a única localidade do estado em que foram entrevistados oito informantes. Ali, a estrutura [VP neg] ocorre em dois dos oito informantes, especificamente nos dois homens jovens (o de nível fundamental e o de nível superior); apresentando-se totalmente ausente nas mulheres e nos mais velhos.

Como apontado na Introdução, a pesquisa feita por Goldnadel *et al.* (2013), com dados em inquéritos do VARSUL realizados nas três capitais do Sul no final da década de 1980 e início de 1990, não encontrou nenhum dado de [VP neg] (“NEG3”) em Curitiba, como mostra a Tabela 2.¹⁴

Tabela 2 – Formas de negação sentenciais nas capitais da Região Sul do Brasil

	NEG1	NEG2	NEG3	TOTAL
Porto Alegre	1402 / 99,4%	8 / 0,6%	0	1410
Curitiba	1371 / 97,4%	37 / 2,6%	0	1408
Florianópolis	1018 / 95,6%	47 / 4,4%	0	1065

Fonte: Goldnadel *et al.* (2013, p. 50).

A ocorrência dessa negativa em dois informantes em Curitiba nos dados do ALiB mostra uma ligeira mudança em relação aos dados do VARSUL, com o passar do tempo. Além disso, é possível que os informantes homens jovens sejam os introdutores da nova variante no dialeto.

Por outro lado, a expectativa no presente trabalho era a de que, por ser a capital e, portanto, atrair mais contato com pessoas de outras regiões do país, Curitiba fosse um dos pontos de difusão das negativas pós-verbais (especialmente da negativa [VP neg]) para o restante do estado e que tivesse uma distribuição mais ampla entre diferentes informantes (não apenas em dois deles) e também uma produtividade maior (em vez de apenas um dado por informante). Veremos adiante que essa expectativa, no entanto, não é inteiramente frustrada.

Considerando apenas presença *versus* ausência de [VP neg] nos pontos do ALiB no Paraná, é possível identificar três áreas dialetais quanto a esse fenômeno (cf. mapa na Figura 2):

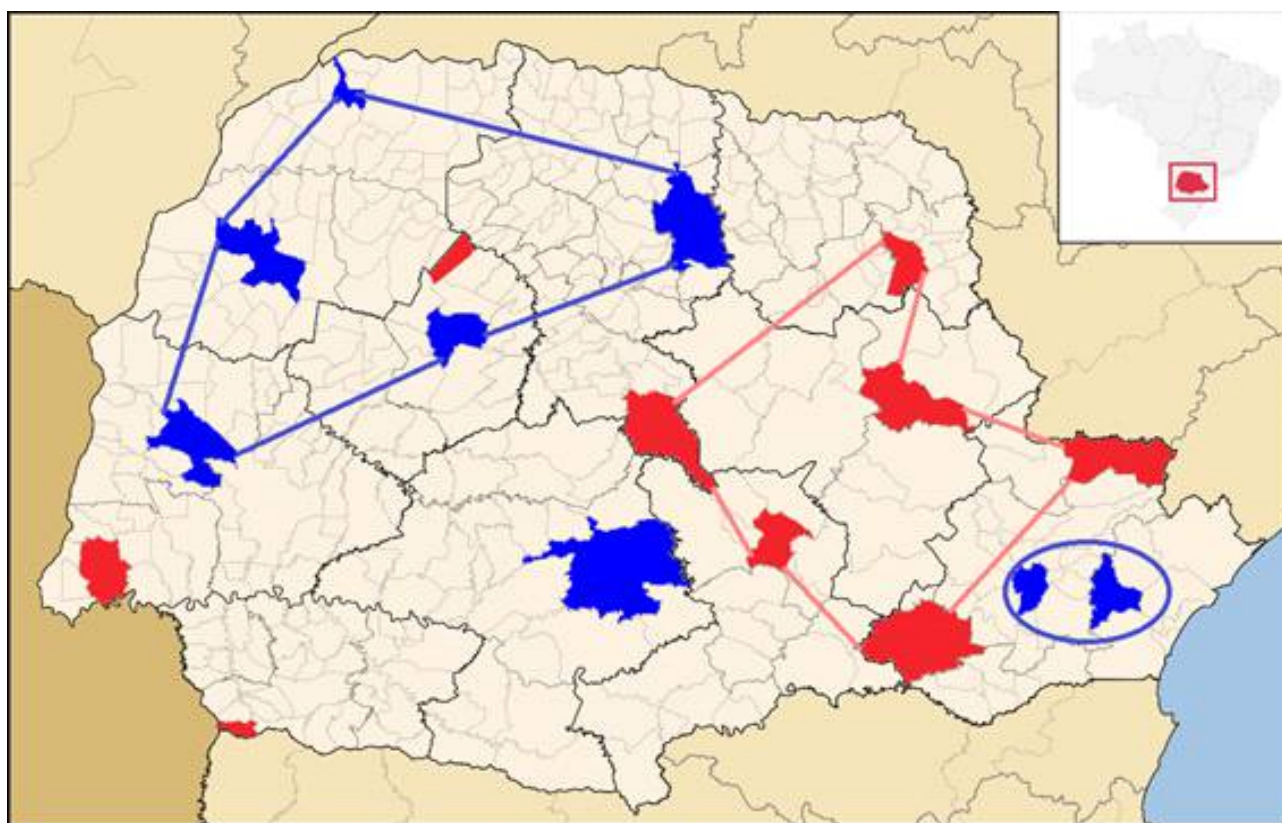
- (i) A primeira área corresponde a Norte Central, Noroeste, Centro-Oeste e parte do Oeste do estado, em que **a negativa de [VP neg] é majoritariamente presente**. Inclui as localidades de Nova Londrina, Londrina, Umuarama, Campo Mourão e Toledo. E tem, como exceção, a cidade de Terra Boa;¹⁵

¹⁴ Confira Cavalcante (2019) para uma comparação entre as três capitais do Sul nos dados do VARSUL e nos dados (apenas) dos informantes da faixa mais jovem do ALiB.

¹⁵ É um fato interessante que, nessa região, estão localizadas as cidades que têm os três informantes que usam [neg VP neg] de modo mais produtivo: Londrina, Terra Boa e Umuarama.

- (ii) A segunda área corresponde à Região Centro-Oriental, ao Sudeste e ao chamado Norte Pioneiro, **em que [VP neg] está ausente**. Inclui as cidades de Tomazina, Piraí do Sul, Imbituva, mas também alcança Cândido de Abreu (na parte mais ao sul da região norte-central, exprimida entre quatro mesorregiões) e também Adrianópolis¹⁶ e Lapa (respectivamente, ao norte e ao sul da Região Metropolitana de Curitiba);
- (iii) A terceira área é praticamente uma ilha incrustada na área (ii) e corresponde à Região Metropolitana de Curitiba, abrangendo a própria capital e a cidade de Morretes. **É uma área de ocorrência de [VP neg]**.

A Figura 2 ilustra a distribuição das três áreas dialetais paranaenses propostas neste artigo.



Fonte: Adaptado a partir de mapa de Raphael Lorenzeto de Abreu, disponibilizado na Wikipedia com autorização para uso e adaptação.

Figura 2 – Presença (azul) *versus* ausência (vermelho) de [VP neg] no Paraná

¹⁶ Com a ressalva de que um dos inquéritos de Adrianópolis está ausente no *corpus*. V. nota 10.

Fica de fora dessas isoglossas a cidade de Guarapuava, no Centro-Sul paranaense. Também ficam de fora São Miguel do Iguçu¹⁷ e Barracão, respectivamente ao sul da Região Oeste-Paranaense e no Sudeste. Essas duas últimas localidades poderiam, talvez, ser vistas como uma quarta região dialetal do Paraná.

O *status* de Guarapuava nessa distribuição dialetal é mais complexo e permite diferentes interpretações. A primeira possibilidade seria considerar Guarapuava como parte da área dialetal (ii), mas como uma exceção ao comportamento dessa área, uma vez que [VP neg] está presente na cidade. Nesse sentido, Guarapuava seria uma exceção para a área (ii) assim como Terra Boa é uma exceção para a área (i), com a diferença clara de que Terra Boa está bem no meio de uma área dialetal [(i)], enquanto Guarapuava está na borda externa à área dialetal (ii). Esse *status* periférico de Guarapuava em relação à área (ii) e com característica diferente de (ii) me leva a descartar essa possibilidade interpretativa.

A segunda opção seria considerar Guarapuava como uma extensão da área dialetal (i), como um avanço dessa área dialetal (ou seja, da negativa final) sobre o centro do estado, em direção à área (ii).

Nessa segunda opção interpretativa, ainda existe a possibilidade de se reduzir o esquema de três (ou quatro) áreas dialetais para um esquema de duas grandes regiões, dividindo o estado no meio, longitudinalmente, em:

- (a) uma **(Macro) Região Oeste**, que abrangeria a área (i) e mais as cidades de Guarapuava, São Miguel do Iguçu e Barracão, e seria considerada uma área de presença majoritária de [VP neg], com as exceções de Terra Boa, São Miguel do Iguçu e Barracão;
- (b) uma **(Macro) Região Leste**, que incluiria a área (ii) e mais a área (iii), como região de ausência majoritária de [VP neg], tendo Curitiba e Morretes como exceções.

Apesar de tentadora, essa divisão dialetal binária do Paraná não me parece adequada, se vista como substituição à proposta anterior de três (ou quatro) regiões dialetais menores, por incluir muito mais exceções ao que seria o comportamento típico de cada parte do estado. Porém, se ambas as propostas forem vistas como complementares, com as regiões definidas em (a) e (b) sendo **macrorregiões** em relação às áreas (i), (ii) e (iii) (além da hipotética quarta área), a situação parece mais compatível com o que os dados mostram de fato.

Dessa forma, as Macrorregiões Oeste e Leste podem ser definidas não em termos de **presença** ou **ausência** de [VP neg], mas em termos de maior ou menor difusão dessa variante. Na Macrorregião Oeste, há uma maior difusão da negativa final. Já na

¹⁷ Também com a ressalva de que um dos inquéritos dessa cidade não está presente no *corpus*. V. nota 10.

Macrorregião Leste, uma menor difusão, que começa pela Mesorregião Metropolitana de Curitiba, conforme hipótese expressa antes nesta mesma subseção do artigo.

Na próxima seção, trato mais detalhadamente dos aspectos linguísticos dos dados recolhidos, considerando a distribuição das negativas por diferentes contextos sintáticos e discursivos.

RESULTADOS: O COMPORTAMENTO SINTÁTICO-PRAGMÁTICO DAS NEGATIVAS

Sendo este um trabalho de dialetologia sintática, o objetivo não é apenas verificar a distribuição geográfica da negação pós-verbal, a sua presença ou ausência em cada dialeto, mas também verificar se tais negativas encontradas constituem, de fato, o mesmo fenômeno gramatical ou não,¹⁸ ou seja, se possuem as mesmas restrições linguísticas. Em termos de uma gramática gerativa, se as negativas são geradas pela mesma gramática (internalizada) subjacente ou por gramáticas distintas.

Como apontado na Introdução, há pelos menos dois tipos de comportamento gramatical da negação pós-verbal nos diversos dialetos do português:

- (i) na **gramática dos dialetos do PB nordestino**, [neg VP neg] e [VP neg] são aceitáveis em sentenças matrizes declarativas, interrogativas polares e imperativas, mas inaceitáveis em interrogativas QU; [VP neg] é inaceitável em todos os tipos de sentenças subordinadas, enquanto [neg VP neg] é aceitável em subordinadas completivas, mas inaceitáveis ou marginais nos demais tipos de orações subordinadas;
- (ii) já na **gramática do PE**, o comportamento é bem mais restrito: [neg VP neg] e [VP neg] são aceitáveis apenas em declarativas matrizes, sendo excluídas em todos os outros tipos sentenciais e em todas as subordinadas.

Nesta seção, o objetivo é verificar como as negativas pós-verbais se comportam sintaticamente. Partindo da hipótese de que são variantes linguísticas mais recentes na Região Sul do que no Nordeste (hipótese que recebe reforço pelos dados descritos na seção anterior), é possível que as propriedades gramaticais não sejam as mesmas nas duas regiões. E também é possível que o estágio de gramaticalização das negativas nos dialetos do Sul esteja mais próximo da situação do PE, apesar da distância geográfica.

Vamos ver o que os resultados têm a dizer sobre isso.

Comportamento Linguístico de [neg VP neg]

Com relação à subordinação, 21 dos 592 dados de [neg VP neg] se encontram

¹⁸ Para uma discussão mais ampla sobre dialetologia sintática, cf. Cavalcante (2018a, 2018b).

em sentenças subordinadas, todas elas do tipo completivo declarativo. Os dados são apresentados abaixo em (8). Não há dados em outros tipos de subordinadas, seja em adverbiais, subjetivas, relativas, seja em completivas do tipo interrogativo (perguntas indiretas). Nesse aspecto, os dialetos paranaenses se comportam como os dialetos nordestinos, e diferem do perfil do PE.

- (8) a. Acho que **num** acredito **não**. (207/3)
 b. Acho que **num** tenho medo **não**. (207/3)
 c. Num conheço, aqui acho que **num** tem **não**. (207/4)
 d. Eu acho que eu **não** fiz nada de diferente **não**. (207/4)
 e. Acho que eu **num** lembro **não**. (208/4)
 f. Não, acho que **não** tem **não**. (208/4)
 g. Acho que **num** é do meu tempo **não**. (208/4)
 h. Acho que **não** tem **não**. (208/4)
 i. Acho que **num** tem outro nome **não**. (208/4)
 j. Na lua acho que **num** acredito **não**, viu? (208/4)
 k. Ah, acho que **não** aconteceu nada **não**. (209/2)
 l. Acho que **né não**. (210/1)
 m. Eu sei, mas acho que **num** lembro **não**. (210/1)
 n. Eu acho que **né não**. (210/1)
 o. Acho que **num** coloca **não**. (210/1)
 p. Eu acho que na nossa região **não** tem isso **não**. (210/3)
 q. É, me parece que **não** vende **não**. (210/4)
 r. porque eu acho que **num** existe **não**. (212/4)
 s. Essa aí... Acho que **num** sei o nome **não**. (214/1)
 t. Ai... Esse aí eu acho que eu **não** ouvi falar **não**. (217/2)
 u. Hoje eu acho que **não** chama assim **não**. (217/4)

Como se pode ver, quase todos os dados foram em orações complementos do verbo *achar*, mas um foi como complemento do verbo *parecer*. Aqui, o tipo do inquérito deve ter favorecido essas escolhas lexicais, uma vez que o falante está constantemente sendo perguntado sobre qual o nome que ele dá para determinados objetos e ações. Quando o falante não sabe ou não tem certeza do nome, isso favorece o uso de verbos epistêmicos como *saber* e *achar*.

Os dados de [neg VP neg] em sentenças subordinadas completivas ocorreram em 7 das 17 localidades do *corpus*, distribuídas por cinco Mesorregiões do estado, a saber:

- i) Nova Londrina e Umuarama, na Mesorregião do Noroeste Paranaense;
- ii) Londrina, no Norte Central;
- iii) Terra Boa e Campo Mourão, no Centro-Occidental;

- iv) Piraí do Sul, no Centro-Oriental;
- v) São Miguel do Iguaçu, na Mesorregião do Oeste Paranaense.

Uma hipótese possível é que houvesse alguma correlação entre a expansão de [neg VP neg] para outros contextos sintáticos (no caso, para orações não matrizes) com o surgimento de [VP neg]. O cruzamento das informações sobre a presença de [neg VP neg] em completivas e a distribuição geográfica de [VP neg], no entanto, não dá suporte a essa hipótese: das sete localidades em que a negativa dupla ocorre em orações subordinadas completivas, quatro são pontos de uso de [VP neg], mas três não tiveram registro dessa variante.

Quanto ao cruzamento com a faixa etária, 14 dados ocorrem entre os informantes mais velhos e 7 ocorrem entre os mais jovens. Considero a ocorrência produtiva entre os mais velhos como um indício de que a expansão dessa negativa para contextos completivos não é tão recente nos dialetos paranaenses, porém não é possível distinguir se isso significa que [neg VP neg] foi introduzida/desenvolvida no dialeto já com a propriedade de ocorrer em sentenças completivas, sem nunca ter passado por um estágio puramente matriz (como é o caso do PE) ou se esse estágio de uso apenas em sentenças matrizes ocorreu de fato, mas em um período mais afastado no tempo.

Com relação à distribuição de [neg VP neg] em orações não declarativas, foram encontrados oito dados de sentenças interrogativas polares com essa estrutura, apresentados em (9). Portanto, também nesse aspecto, apesar da diferença de produtividade dessa negativa em relação à pré-verbal, ela se mostra mais semelhante ao perfil sintático da negação pós-verbal do Nordeste e distante do perfil do PE.

- (9) a. **Né** brasa o nome **não**? (220/1)
- b. Num quer fazer perguntas sobre investimento, sobre transações financeiras,
 algo parecido assim **não**? (220/5)
- c. **Num** é cidra **não**? (221/3)
- d. **Num** é abóbora não? (221/3)
- e. Pois é... mas... **Num** é o sol **não**? (221/3)
- f. **Num** é galinha de Angola **não**? (221/3)
- g. Mas **num** é papagaio **não**? (221/3)
- h. **Num** é a raposa **não**? (221/3)

Os dados de [neg VP neg] em perguntas polares estão concentrados em duas localidades: Curitiba e Morretes. Aqui, o cruzamento com a distribuição geográfica [VP neg] sugere uma possível correlação. Essas duas cidades correspondem à área dialetal número (iii) na proposta esboçada anteriormente, que é uma área de uso da negativa final [VP neg].

Esses dados revelam a existência de negativas duplas em sentenças interrogativas em alguns dialetos do Paraná, mas a ausência de dados em inquéritos de outras localidades não é fonte segura para se afirmar (ou negar) que tal comportamento sintático é exclusivo de Curitiba e de Morretes. Como apontado antes, o tipo de inquérito desfavorece perguntas por parte dos informantes. É possível que interrogativas polares com [neg VP neg] já ocorram em outras localidades, mas os inquéritos não captaram o fenômeno. Por outro lado, os dados permitem lançar a hipótese de que a Mesorregião Metropolitana de Curitiba (incluindo a capital e Morretes) é o ponto de difusão da ocorrência de negativas duplas em perguntas polares.

Quanto às orações imperativas, não houve nenhum dado de [neg VP neg] nesse contexto. Esse é o único ponto em que o comportamento sintático dessa variante difere no Paraná do comportamento do Nordeste, mas, novamente, fica a dúvida se isso se deve de fato pela ausência completa de imperativas com dupla negação no Paraná ou se resulta de o tipo do inquérito não favorecer o uso de imperativos (negativos ou afirmativos) por parte dos informantes.

Também não houve dados de perguntas QU com esse tipo de negativa.

O trabalho de Goldnadel *et al.* (2013) encontrou 37 dados da negativa dupla na cidade de Curitiba no final da década de 1980 e início de 1990, mas, infelizmente, não revela se algum desses dados era de sentenças não declarativas (seja interrogativas ou imperativas).¹⁹ Essa informação seria útil para comparação com os resultados da presente pesquisa.

A seguir, passo à descrição do comportamento sintático da negativa final.

Comportamento Linguístico de [VP neg]

O comportamento sintático de [VP neg] é um aspecto bastante relevante neste trabalho, tendo em vista que essa negativa apresenta mais restrições sintáticas do que [neg VP neg], tanto no PB do Nordeste quanto no PE, e que essa estrutura é muito menos disseminada na Região Sul que as demais variantes.

Com relação à subordinação, todos os 27 dados de [VP neg] no *corpus* ocorreram em sentenças matrizes. Não houve nenhum caso em subordinadas de qualquer tipo. Esse comportamento era esperado em função do que se sabe sobre outros dialetos. Tanto no Nordeste, onde tem valor anafórico, quanto no PE, onde tem valor apenas metalinguístico, [VP neg] está restrita a orações matrizes.

¹⁹ Por outro lado, os autores informam que, em Florianópolis, única das três capitais em que fizeram a aplicação de uma análise quantitativa sociolinguística, houve dois dados de [neg VP neg] em perguntas. Os autores não apontam se são perguntas polares ou QU, mas, pelo que se sabe sobre essa negativa em outras regiões, provavelmente são casos de perguntas polares.

Todos os dados de [VP neg] do Paraná estão reproduzidos abaixo em (10) e (11). Como se pode ver nos exemplos, apesar de restrita a sentenças matrizes, a negativa final não está restrita a usos metalinguísticos. Os dados em (10) e (11) possuem valor de negação verifuncional convencional, invertendo as condições de verdade das sentenças, distanciando-se do padrão do PE.

- | | | |
|---------|--|---------|
| (10) a. | Sei não . | (207/1) |
| b. | Sei não . | (207/2) |
| c. | Não. Sei não . | (207/4) |
| d. | Fiz nada de diferente ontem não . | (207/4) |
| e. | Sei não . | (208/3) |
| f. | Sei não . | (208/3) |
| g. | Vou saber não . | (208/4) |
| h. | Vou lembrar não . | (208/4) |
| i. | Não. Costumo não . | (208/4) |
| j. | Ai meu Deus, vou saber não . | (208/4) |
| k. | Sei não . | (210/1) |
| l. | Sei não . | (210/1) |
| m. | Não. Tenho medo não . | (210/1) |
| | | |
| (11) a. | Tem problema não ? | (212/1) |
| b. | Sei não . | (212/1) |
| c. | Eu vi não . | (212/1) |
| d. | Sei não , hein. | (212/1) |
| e. | Tô não . | (212/3) |
| f. | Ah, eu lembro não . | (212/4) |
| g. | Lembro não . | (215/1) |
| h. | Pega mais nada de peixe não . | (215/1) |
| i. | Sei não . | (219/2) |
| j. | Tô... tô lembrando não . | (219/3) |
| k. | Sei não . | (219/4) |
| l. | Sei não . | (220/1) |
| m. | Sei não . | (220/5) |
| n. | Tô morando em Morretes não . | (221/3) |

Quanto aos tipos sentenciais, há um único dado dessa negativa em sentença interrogativa polar em todo o *corpus*, reproduzido acima em (11a), que ocorre na localidade de Campo Mourão. Não há dados dessa negativa em sentenças imperativas.

Novamente, o registro de [VP neg] em interrogativa polar em apenas uma localidade não é suficiente para levar à conclusão de sua ausência nos demais dialetos,

pelo fato de que isso pode ter decorrido da natureza do inquérito, que não favorece o uso natural de interrogativas por parte dos informantes. Por outro lado, isso pode ser um indício a mais da distribuição bem mais restrita (e do possível surgimento bem mais recente) dessa variante nos dialetos sulistas.

Apesar disso, o dado de interrogativa polar em Campo Mourão mostra que essa propriedade sintática está disponível em pelo menos um dos dialetos do sul.

O Quadro 4 resume o comportamento sintático das duas negativas pós-verbais no PB nordestino, no PE e nos dialetos do Paraná.

Quadro 4 – Comportamento de [neg VP neg] e [VP neg] em três variedades linguísticas

Contexto sintático	PB nordestino	PE	PB paranaense
Declarativas matrizes	OK	OK	OK
Interrogativas polares	OK	—	OK
Interrogativas QU	—	—	—
Imperativos	OK	—	—
Subordinadas completivas	OK	—	OK / —
Demais subordinadas	—	—	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode ver, com exceção da ausência de dados imperativos com quaisquer das negativas pós-verbais, os dialetos do Paraná se aproximam mais do comportamento sintático dos dialetos do nordeste do que do comportamento do PE. Ainda assim, a produtividade e a distribuição geográfica é muito mais restrita no Paraná do que no Nordeste.

CONCLUSÕES

Os resultados vistos ao longo desse artigo permitem as seguintes conclusões:

Em resposta à questão A, formulada na Introdução, as negativas [neg VP neg] e [VP neg] têm uma distribuição geográfica e social assimétrica nos dialetos paranaenses. A negativa dupla [neg VP neg] ocorre em todas as localidades do *corpus* e em 82,8% dos informantes, enquanto [VP neg] aparece em 8 das 17 localidades e em apenas 21,4% dos informantes. Ainda assim, parece ser o caso de que [VP neg] esteja se expandindo no Paraná. Além disso, é possível identificar claramente duas áreas dialetais de predomínio de [VP neg] no estado.

Em resposta à questão B, os dados encontrados não permitem considerar as negativas em questão como exclusivamente enfáticas ou metalinguísticas. Por um lado, a

maior parte dos dados de [neg VP neg] são respostas neutras, sem ênfase, em que o único elemento contextual requerido é que a proposição a ser negada tenha sido citada antes ou que seja inferível pelo contexto (um requerimento *anafórico*). Por outro lado, os dados de [VP neg] envolvem negação normal das sentenças, com a inversão do valor de verdade da proposição e não com negação da sua *assertability*. Por isso, consideramos que o valor de tais negativas é anafórico (no sentido de CAVALCANTE, 2012), não metalinguístico nem enfático.

Quanto à questão C, bastante relacionada à questão A, vimos que as duas negativas ocorrem em sentenças interrogativas, embora [neg VP neg] tenha uma produtividade bem maior. Apenas [neg VP neg] ocorre em sentenças subordinadas, exclusivamente em completivas. Nenhum dado de qualquer das negativas foi encontrado em sentenças imperativas (o que foi inesperado²⁰) ou em interrogativas QU (o que era esperado).

Quanto à questão D, as respostas dadas às duas questões anteriores permitem considerarmos que as negativas pós-verbais dos dialetos paranaenses se aproximam mais do padrão nordestino do que do padrão do PE, apesar das diferenças sócio-históricas no povoamento da Região Sul em relação às demais partes do Brasil. O único ponto de (aparente) divergência é a ausência de dados imperativos no *corpus*.

Essa pesquisa prosseguirá com o exame do comportamento das negativas pós-verbais nos demais estados da Região Sul do Brasil, novamente com dados do Projeto ALiB. Também existem dois trabalhos em andamento sobre o fenômeno na Região Centro-Oeste e na Região Norte do país, mais especificamente no Mato Grosso do Sul e no Pará, sendo conduzidos por Joás de Jesus Souza e por Anna Luisa Rocha Freire, respectivamente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. C. de. Construções negativas no português falado em Salvador. *Hyperion*, Salvador, n. 7, p. 1-17, 2004.

ALKMIM, M. G. R. Ação de dois fatores externos no processo de mudança em negativas sentenciais no dialeto mineiro. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2., 1999, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

²⁰ São dois fatores opostos em ação: a ausência de imperativas com negação pós-verbal é inesperada no dialeto paranaense dada a existência de tais negativas em outro contexto não declarativo, o de perguntas polares. Por outro lado, considerando o tipo de inquérito, havia, sim, alguma expectativa de que os imperativos pudessem estar ausentes. Ainda assim, há dados de imperativos afirmativos e negativos com negação pré-verbal no *corpus*.

CAMARGOS, M. A negativa: uma análise qualitativa. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES, 5., 2000, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/35kw22W>. Acesso em: 30 jul. 2005.

CAVALCANTE, R. *Negação pós-verbal no português afro-brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, 2007.

CAVALCANTE, R. *Negação anafórica no português brasileiro: negação sentencial, negação enfática e negação de constituinte*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAVALCANTE, R. *Maapeando a negação sentencial pós-verbal: a Região Sul*. In: WORKSHOP DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL, 12., 2015, Salvador.

CAVALCANTE, R. Gramática gerativa e dialetologia: dos princípios e parâmetros aos atlas sintáticos. In: CARVALHO, D. da S.; TEIXEIRA DE SOUSA, L. (org.). *Gramática Gerativa em perspectiva*. São Paulo: Blucher, 2018a. p. 187-208.

CAVALCANTE, R. Teoria da gramática e dialectologia do Português Brasileiro. *Confluência*, n. 54, p. 244-268, 2018b.

CAVALCANTE, R. Perfil da negação pós-verbal entre jovens sulistas: dados do ALiB. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 163-192, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3bGoSY2>.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001. Disponível em: <http://bit.ly/35no215QuestALiB>.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (org.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 167-189.

GOLDNADEL, M.; LIMA, L. S.; BREUNIG, G.; ESQUIVEL, N. A.; LUZ, J. P. Estratégias alternativas de negação sentencial na Região Sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 35-74, jul./dez. 2013.

HANSEN, Q. M. *Clause-final negation in Brazilian Portuguese*. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Florida, Gainesville, 2010.

- HORN, L. R. *A Natural History of negation*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1989.
- LOPES, N. da S.; BRITO, F. R. S.; MOTA, F. C. *A negação em quatro mesorregiões baianas*. In: ENCONTRO DE SOCIOLINGUÍSTICA, 9., 2019, Salvador. (Comunicação oral).
- LOPES, N. da S.; PEREIRA, R. C. P. *A negação nas mesorregiões do interior baiano*. In: ENCONTRO DE SOCIOLINGUÍSTICA, 9., 2019, Salvador. (Comunicação oral).
- MARTINS, A. M. Negação metalinguística (lá, cá e agora). In: BRITO, A. M. (ed.). *Actas do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, p. 567-587, 2010.
- MARTINS, A. M. The Portuguese answering system: Affirmation, negation and denial. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA, 2., 2012, São Paulo. (Minicurso).
- NUNES, L. L. *Motivações pragmáticas para o uso da dupla negação: um estudo do fenômeno no português europeu*. 2014. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras – Inglês) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- PINTO, C. *Negação metalinguística e estruturas com nada no Português Europeu*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.
- ROCHA, R. S. *A negação dupla no português paulistano*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- RONCARATI, C. A negação no português falado. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-112.
- SOUSA, A. S. As estruturas de negação em uma comunidade rural afro-brasileira: Helvécia - BA. *Hyperion*, n. 7, p. 114-120, 2004.
- TEIXEIRA DE SOUSA, L. *Formas reduzidas de itens negativos no português brasileiro*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.